



TEXTO HISTORIOGRÁFICO COMO CONSTRUÇÃO AUTOBIOGRÁFICA: CECÍLIA WESTPHALEN E A HISTORIOGRAFIA PARANAENSE

DAIANE MACHADO*

Neste trabalho esboçamos a possibilidade de ler textos de caráter historiográfico como construção autobiográfica. Cecília Westphalen (1927-2004), historiadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), produziu fundamentalmente dois textos sobre historiografia paranaense. O primeiro, de 1983, foi escrito como seu discurso de posse como sócia do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IGHB), o segundo (retomada sintética do primeiro) foi apresentado na reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), que em 1984 devido à presença de Charles-Oliver Carbonell, presidente da Comissão Internacional de História da Historiografia,¹ propôs como temática central a reflexão sobre essa área de estudos. A partir da análise dessas duas produções, colocando em foco o sistema de referências que ela estabeleceu para organizar sua exposição, interrogaremos os não-ditos dessa produção historiográfica.

Quando da primeira apresentação do texto sobre historiografia paranaense, Westphalen contava com 56 anos, sendo 32 deles dedicados ao ensino e a pesquisa histórica. Uma avaliação do percurso da história no Paraná significava também inserir no discurso as reminiscências de sua formação como historiadora, por vias indiretas compor um documento sobre si, emoldurar uma imagem. Quando Westphalen se voltou ao seu próprio passado ela também colocou a nu como construiu sua identidade historiadora e assim sugeriu o lugar que deveria ocupar na história da historiografia paranaense. É este processo de construção autobiográfica entre os não-ditos da produção historiográfica que esta comunicação interpretará.

* Doutoranda do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis. Este texto resulta das reflexões empreendidas em minha pesquisa de doutorado intitulada *Por uma “ciência histórica”*: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998. Orientada pela Professora Doutorada Karina Anhezini e apoiada pela FAPESP.

¹ A Comissão Internacional de História da Historiografia ou Comissão de História da Historiografia (visto que se encontram as duas denominações) teve origem em Bucareste no interior do encontro do Comitê Internacional de Ciências Históricas, em 1980. Na ocasião e por aquele grupo de participantes, a história da historiografia teria sido reconhecida como disciplina. (GUIMARÃES, 2011:21). A partir de então, sob a liderança de Carbonell fundou-se um grupo que tinha como objetivo legitimar e divulgar as potencialidades investigativas desta nova área e galgar espaço institucional.

Historiografia paranaense e os seus não-ditos

Cecília Westphalen não escreveu uma obra dedicada exclusivamente à história da historiografia, seja brasileira ou paranaense, este não foi seu campo de estudos privilegiado – produziu, no entanto, além dos dois artigos sobre historiografia paranaense, análises historiográficas, como as de Fernand Braudel e Gilberto Freyre.² Como pesquisadora, sua esfera de atuação foi predominantemente econômica e social (com incursões pela demografia histórica) e o seu marco espacial de investigação foi o Paraná. Contudo, uma olhadela em sua bibliografia nos indica que ela foi perspicaz, soube flexibilizar seus interesses historiográficos e alargá-los para dialogar com pesquisadores brasileiros e estrangeiros em encontros acadêmicos.³

A alta circulação em diferentes sociedades de produção do conhecimento histórico, no Brasil⁴ e no exterior,⁵ colocou-a em contato com uma série de temas, abordagens, estilos, problemáticas, rivalidades e impasses, como a da historiografia da Nova História narrada por Carbonell na conferência proferida na SBPH⁶ - que colocou em questão as escolhas que ela fizera outrora, ou seja, do seu direcionamento historiográfico à história econômica, baseada em métodos estatísticos e quantitativos, *à la Annales*. Pensando nas circunstâncias de

² Cf. WESTPHALEN, 1982: 133-135; 1983:161-174; 1985:28-39; 2000. A obra *A Palavra do Sul*. Cem anos de Gilberto Freyre, é uma coletânea de artigos escritos desde a década de 1980. O livro é a expressão da transmutação dos laços profissionais em laços afetivos a partir do trabalho conjunto no Conselho Federal da Cultura, entre 1976 e 1983.

³ Em sua produção bibliográfica encontramos escritos sobre comércio, urbanização, transmissão de patrimônio, estruturas agrárias, fundação e colonização do Paraná, imigração, escravidão, abolição, conflitos belicosos no Paraná (Revolução Federalista, Contestado), Revolução Francesa, positivismo, lazeres e festas, educação, métodos e técnicas para história, currículo para História, arquivos, pesquisa histórica, pós-graduação, historiografia.

⁴ Entre elas está a Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH) e a Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Westphalen participou do processo de instituição e de organização de ambas.

⁵ Destacamos: Comissão Internationale d'Histoire des Mouvements Sociaux et des Structures Sociales, do CISH/UNESCO, Asociación de Historiadores Latinoamericanos y del Caribe (ADHILAC Internacional) e Société de Démographie Historique.

⁶ O título de sua conferência foi *Questions à la "Nouvelle Histoire"* (CARBONELL, 1985). Organizaram-se duas mesas-redondas, uma foi comandada por Maria Beatriz Nizza da Silva, professora titular de Teoria e Metodologia da História da Universidade de São Paulo (USP), e debateu sobre "História Comparada da Historiografia"; e a outra por Cecília Westphalen, professora de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Paraná (UFPR), denominada "Historiografias regionais".

produção do texto, diríamos que foi percebendo que a historiografia estava em pauta⁷ que ela sistematizou uma reflexão sobre a história da historiografia paranaense.

Trabalharemos, então, com os dois exemplares publicados (1983 e 1984), as anotações esparsas e os esboços que os originaram, nestes é possível encontrar formulações, sentenças, desacordos que não aparecem no texto final. Certamente são múltiplas as razões que convergem para as supressões textuais - seja a revisão da ideia, considerada inadequada, seja o próprio cerceamento, prevendo que a escrita pode gerar críticas (que talvez não possam ser contra-argumentadas) e desagrados (de ordem científica, hierárquica, política) -, sem pretender determiná-las acreditamos que persegui-las abre brechas para problematizar o “não-dito” da construção publicável.

Quando Michel de Certeau se referiu ao “não-dito” da operação historiográfica, remeteu-nos ao lugar do sujeito construtor da interpretação histórica. Ser mutável, participante de conflitos sociais e epistemológicos, seu produto historiográfico, apesar da imposição de um “sistema de referências” é dotado de subjetividade, de presença do presente, de intenções (CERTEAU, 2002:67-69). É nesse sentido que indagamos sobre algumas das possíveis “decisões” (as aspas representam a tensão ou margem de negociação entre as escolhas deliberadas e as determinações do campo do conhecimento) pessoais que regem a análise da historiografia paranaense feita por Cecília Westphalen.

Para iniciarmos trabalhemos com o visível, com o sistema de referências que a historiadora estabeleceu para organizar sua exposição.

Alicerçada na produção de Eduard Fueter, Westphalen compreendia que a tarefa da historiografia consistia em “retraçar e explicar o movimento cumulativo” da História. A direção deste retorno a produção do passado era sinalizada pela história como ciência, ou seja, a obra era avaliada a partir de princípios próprios do lugar de onde Westphalen falava (a história universitária), que muitas vezes estavam distantes do qual fora concebida. Então, tratava-se de narrar o processo de gestação da ciência histórica no Paraná, “feito de aquisições, de correções, de aprofundamentos, de progressos” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:109).

A despeito da aproximação que Westphalen tinha com o campo historiográfico francês e da facilidade que dispunha para adquirir obras de historiografia (pela rede sociabilidade

⁷ Segundo Hartog, seria possível perceber nas décadas de 1970 e 1980 um “movimento historiográfico”. RODRIGUES; NICOLAZZI, dez. 2012:356-357.

internacional), ela preferiu mobilizar uma tradição de análise de história da historiografia mais estável ou menos turbulenta, especificamente uma produção que não colocava em suspensão a “ciência histórica”, como se fazia na França da década de 1980. Ela serviu-se da tradução de *Geschichte der neuen Historiographie*, que Fueter concebeu em 1911 para “trazar la historia de la historiografía europea desde el humanismo hasta nuestros días” considerando “la historia de las teorías históricas y del método histórico sino en tanto que ellas parecen haber influido en el desenvolvimiento de la historiografía” (FUETER, 1953:7).

Os críticos de Fueter costumam classificar sua volumosa obra como “bibliográfica”, “erudita” e “enciclopédica”, onde “nomes dos historiadores e os títulos das obras se sucederam rápida e abundantemente, precedidos por quadros de interpretação geral minimamente esboçados” (MASTROGREGORI, 2009:66) em que “encontramos uma narrativa triunfal da emergência dos padrões modernos da disciplina histórica” (ARAÚJO, mai. 2014:310). Ao afastar a história da teoria da história, ele teria qualificado a historiografia como “pesquisa histórica exclusivamente” ponderando-a a partir de um ideal de historiografia moderna (BLANKE, 2009:28). Seu empreendimento geralmente é lembrado para marcar um estilo característico do nascimento de obras dedicadas à história da historiografia.

Situar a crítica dirigida à Fueter não implica enquadrar Cecília Westphalen nela, como se ela fosse uma apóstola fiel. Essa produção foi seu ponto de partida, é a única referência da área citada em seus textos, com ela Westphalen conheceu os “princípios de classificação” traçados por Fueter e adaptando-os aos seus interesses históricos particulares os ampliou.

A pesquisa em historiografia deveria iniciar-se pela sistematização dos “critérios de seletividade”, estes garantiriam que o trabalho não caísse na armadilha da produção de um “elenco bibliográfico”, de um “dicionário de nomes de historiadores” – ironicamente a crítica tecida à Fueter.

Preocupada em estabelecer bases seguras para apoiar-se – seguindo as regras de um trabalho cientificamente orientado –, Westphalen forjou um método de classificação, qual foi:

[...] os iniciadores, os originais, os que conservam o seu valor, os que apontam direções principais, os que constituem escola. São critérios includentes, mas existem ainda os excludentes, sobretudo, daqueles que são meros repetidores do que outros já escreveram, os eternos parafraseadores. Assim, também, aqueles que, em suas obras, gerais ou mesmo específicas, apenas tangenciavam a história do Paraná. E, por último, o mais grave, os levianos, de afirmações gratuitas, infundadas ou mesmo inverídicas. (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:109).

Conjugada a preocupação da instituição de um método estava a “problemática da datação”. A consideração do tempo, matéria fundamental do historiador (“como a terra que adere à pá do jardineiro”, Westphalen evoca a célebre frase de Braudel), trazia especificidades à historiografia, pois “periodizar em historiografia é tanto mais complicado que na História, onde as estruturas, as conjunturas e os fatos são datados e situados, no tempo e no espaço. Na historiografia, há a interseção do tempo da História e do tempo do historiador” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:109).

Esta formulação deixa margem à dubiedade, mas investiremos na ideia de que ela se referia ao tempo do historiador analisado, o que implicaria o inter-relacionamento entre as condições sócio-econômicas, políticas e o desenvolvimento da escrita. O texto só poderia ser compreendido se mergulhado em sua historicidade, numa linguagem mais westphaleniana, no “estado de civilização” em que emergiu. A transformação deste estado era estabelecida pela “avaliação do significado da mudança”. No caso do Paraná, ela identificou três momentos de longa duração.

O *primeiro* momento é representado pelo retrato que viajantes e cronistas traçaram de uma comunidade embrionária, o Paraná no século XIX. Como memórias e relatos de viagem esse material foi analisado em função do seu potencial documental. Westphalen partilha do ponto de vista de seu contemporâneo e amigo Francisco Iglésias,⁸ como analisou este pensador da historiografia brasileira, embora a produção de viajantes e cronistas não fossem obras historiográficas eram fundamentais para a historicização da formação histórica de uma sociedade e para balizar a mudança (IGLÉSIAS, 2000). Auguste de Saint-Hilaire, Avé-Lallement, Thomas P. Bigg Wither (como viajantes), Salvador Correia Coelho e Antonio Vieira dos Santos (como cronistas) são os autores elencados.

⁸ No acervo pessoal de Westphalen depositado no Arquivo Público do Paraná encontramos 11 cartas remetidas por Iglésias. O principal tema da correspondência entre Westphalen e Iglésias era os relatórios para o CNPq. Westphalen, que também foi assessora do órgão, foi leitora de alguns dos textos avaliativos de Iglésias sobre a área de História. Os pedidos de indicações, “sugestões para cortes e acréscimos” eram recorrentes da parte de Iglésias. Da parte dele também eram constantes os elogios na apreciação das obras que Westphalen lhe enviava de presente: “Gostei muito de seu estudo sobre a historiografia paranaense, o que mais me valeu para o meu propósito neste momento. Muito obrigada por tudo, cara Cecília” (IGLÉSIAS, 28 out. 1986); “Quero agradecer-lhe o generoso envio de seu último trabalho – O BARÃO DOS CAMPOS GERAIS E O COMÉRCIO DAS TROPAS. Fico feliz em ver que continua operosa, entregue às pesquisas e sabendo colocar os resultados em livros ricos de informação e interpretações sempre lúcidas. Salve, Cecília, a intelectual consciente, a historiadora exemplar” (IGLÉSIAS, 1 set. 1995).

Com Saint-Hilaire Westphalen colocou em exercício a crítica metódica, seu intuito foi demonstrar que a negligência de sua aplicação poderia causar sérias consequências na formulação de uma imagem do passado. Segundo Westphalen, era

[...] preciso ler e reler Saint-Hilaire, como qualquer dos outros deslumbrados viajantes europeus, ou seja, com muito cuidado. Se, nas descrições das paisagens e dos eventos, elas parecem precisas do ponto de vista qualitativo, de outro lado, é necessário criticar, atentamente, os dados quantitativos apresentados, frutos quase sempre da informação oral presente ou fornecida posteriormente (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:113).

Colando o escrito nas condições econômicas e sociais de sua produção, Westphalen confrontou a narrativa do viajante com dados extraídos de censos e listas nominativas de habitantes e assim desmistificou dois enunciados, “o da remota branquidade dos paranaenses e o da inexistência de escravos no Paraná” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:113). Seu alvo principal foi a tese do “Brasil diferente” formulada por Wilson Martins e assentada na defesa da insignificância do contingente negro no Paraná (MARTINS, 1955).⁹ Assim, pela abordagem historiográfica, Westphalen promoveu a desconstrução de um mito identitário.

As narrativas de Saint-Hilaire e dos demais viajantes eram deliciosas descrições do cotidiano, mas eram parciais, limitadas pelo testemunho oral e pela visão escancarada, logo carregadas de subjetividade. Subjetividade intrínseca a um texto escrito fora de uma regulação científica, portanto, reveladora da visão turva advinda de um conhecimento não científico.

Prenuncia o fim do momento o aparecimento do “pai da história”. Antônio Vieira dos Santos, leitor da filosofia da história de Cícero e conhecedor de práticas heurísticas, “sem cuja referência não existe a historiografia paranaense”, tinha postura de historiador:

Ele vai aos arquivos, consulta as fontes, tanto as antigas, como modernas, extrai os acontecimentos originais, e adota um método para ordená-los, o cronológico. Critica a literatura existente, pois que verifica que o trabalho feito, em Paranaguá, em 1875, ordenado por Dona Maria I, não fora baseado na indagação das fontes de arquivos (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:117).

Diferente de Saint-Hilaire, Vieira dos Santos fundamentava sua escrita em fontes, tinha a inquietude de checar as informações, o que aos olhos de Westphalen, tornava seu texto confiável ao investigador contemporâneo. Westphalen também não deixou de assinalar sua percepção avançada para aquela época, ele manuseou documentos considerados fundamentais para os estudos contemporâneos de história econômica e demográfica, os “mapas

⁹ A tese do “Brasil diferente” também pode ser lida em LINHARES, 1953. Para a crítica contemporânea desta tese indicamos: OGANAUSKAS, 2013:147-172.

demonstrativos de estatísticas populacionais, do movimento do porto, com suas importações e exportações, rendas fiscais, entradas e saídas de embarcações” rompendo o quadro estrito da narração dos eventos notáveis da história (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:117).

A obra de Vieira dos Santos¹⁰ é tomada como marco final do *primeiro* período. Esta foi escrita na conjuntura do aguçamento dos jogos políticos para a emancipação do Paraná, que até 1853 era 5ª Comarca da Província de São Paulo,¹¹ e do germen do sentimento “paranista” de valoração regional. O cume deste discurso se situa na virada para o século XX e está entrelaçado aos conflitos político-militares da Revolução Federalista e do Contestado.

No *segundo* momento observamos um fenômeno de geração, Rocha Pombo, Romário Martins, Ermelino de Leão, Moysés Marcondes, Francisco Negrão “e tantos outros nomes ilustres” são da “geração que, em 1900, funda o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:110). Estes autores tornaram-se referência desse período pela tentativa de corporificar, por meio da escrita da história, a História do Paraná.

Rocha Pombo foi o primeiro “historiador da sociedade paranaense” em *Paraná no Centenário* (1900) “o povo está presente”. Tal “como Henri Berr e a *Synthèse Historique*”, o historiador foi “além da simples ordenação causal dos fatos e da consideração apenas dos grandes homens” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:118). Ele soube ler o seu presente. Romário Martins teria tido este mesmo espírito na condução de sua obra. Apesar de não ter se referido aos seus “critérios historiográficos [...], tão pouco ao método adotado, nem mesmo às suas finalidades” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:118-119), foi o fundador de uma história regional “como estudo de uma comunidade orgânica que se desenvolve através do tempo em organizações sociais que integram com as conjunturas da história nacional global” (MACHADO, 1974:58 apud WESTPHALEN, abr./jun. 1984:119), como avaliou Brasil Pinheiro Machado, leitor especializado nos critérios que Martins teria negligenciado. Outra ledora de Martins, digna de nota por Westphalen, foi sua colega de ofício e companheira

¹⁰ Sobre o conceito de história que orientou a produção das memórias de Vieira dos Santos, indicamos o artigo de Antonio Paulo Benatte, *A escrita da história em Antônio Vieira dos Santos (1850/51)*. Segundo o autor, em que pese o gosto pelo arquivo e sua concepção de prova “de modo geral, a escrita da história em Vieira dos Santos está mais próxima da narrativa literária que dos modelos, emergentes na Europa, da história ciência.” BENATTE, 2012:807. Ver também: GOMES, 2012.

¹¹ Para Divonzir Lopes Beloto, a elite campeira e os ervateiros não conseguiram se articular enquanto “grupo” com força política organizada o suficiente para ser ouvida pelo Império. Defende Beloto que a emancipação foi fruto de uma manobra política do Partido Conservador para desarticular o crescimento do Partido Liberal na Comarca de Curitiba, garantindo, desta forma, a vitória dos conservadores em São Paulo nas eleições de 1854. BELOTO, 2003.

intelectual Altiva Pilatti Balhana, que reconheceu na obra do paranaense o interesse pelo número, pela estatística populacional.

Os demais autores analisados foram Ermelino Agostinho de Leão e seu *Diccionario Histórico e Geográfico do Paraná* (1926) e Francisco Negrão autor do *Boletim do Archivo Municipal de Curitiba* (1906-1932) e da *Genealogia Paranaense* (1926-1950). Obras inseridas neste panteão pelo grande trabalho heurístico, cuja composição estava fadada a ser “de grande interesse para os modernos demógrafos e historiadores sociais” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:120).¹²

A *Sinopse da História do Paraná*, de Brasil Pinheiro Machado,¹³ apresentada ao Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense em 1951, espécie de projeto de como deveria ser escrita a História do Paraná, assinala o *terceiro* momento. Mais uma vez um evento político baliza sua periodização, as preparações para o Centenário de Emancipação do Paraná, que ocorreriam em 1953. Esse projeto teria sido o primeiro grande produto da fundação do curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras do Paraná, em 1938. O marco deste momento estaria entre 1938 e 1951, não poderia ser 1938 pela coexistência de “formas tradicionais e modernas”, o moderno estaria representado no convívio da História com outras Ciências Sociais. A coexistência findaria em 1951, período de apelos desenvolvimentistas no Brasil, e o *terceiro* momento alcançaria seu auge a partir de 1959. Quando:

De regresso da França, em 1959, onde estudara com Fernand Braudel, Jean Meuvret e outros, eu própria traria para difusão entre os meus colegas e discípulos, o conhecimento da escola de Annales, com os conceitos fundamentais da multiplicação do tempo histórico e o emprego da quantificação na História (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:111).

O uso da primeira pessoa nesse trecho mira os holofotes na sua experiência pessoal. O seu retorno da VIª Section de l'École Pratique des Hautes Études (EPHE) representa a inserção da historiografia paranaense no que de mais atual havia no campo internacional da História. Com Brasil Pinheiro Machado, Altiva Pilatti Balhana e ela mesma, o Departamento de História da UFPR tornava-se um *locus* de investigação social e econômica, com foco nos

¹² Para não passar em branco, Westphalen julgou pertinente citar dois estrangeiros: Fugmann e Brepohl; e o cientista social Octávio Ianni com a obra *As metamorfoses do escravo* de 1962. (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:121).

¹³ Sobre a trajetória de Brasil Pinheiro Machado e do *Esboço de uma sinopse da história regional do Paraná*, que de “roteiro” transformou-se em “modelo” de interpretação regional, ver MARCHETTE, 2013.

estudos de imigração, relações comerciais e estruturas agrárias. A exploração de novas fontes, pelo projeto de levantamento de arquivos, e o “emprego da quantificação na História” teriam permitido um “alargamento dos campos de pesquisa e mesmo a renovação da historiografia paranaense, agora em bases rigorosamente científicas” (WESTPHALEN, 1985:60).

Segundo Westphalen, graças a essas diretrizes, na alvorada da década de 1970 a UFPR esteve entre as primeiras instituições que implantaram os cursos de Pós-Graduação em História, que pela “qualidade e rigor teórico, temático e metodológico” representavam um nível de sofisticação do conhecimento histórico jamais visto na historiografia paranaense. Os frutos que adviriam dos trabalhos de Sérgio Odilon Nadalin, Jayme Antonio Cardoso e Márcia de Campos Graf certamente encaminhariam a historiografia paranaense para o seu *quarto* momento (WESTPHALEN, 1985:60).

Westphalen reforça que a metodologia privilegiada foi o recorte regional. Este acento tem um caráter político-ético, o produto do interesse histórico pelo conhecimento do espaço regional era arma para refutar o argumento de que “o Paraná, terra nova, explodindo com a cultura cafeeira, não teria história” (WESTPHALEN, 1985:61). A explicação estaria na marginalização das historiografias regionais fora do eixo Rio-São Paulo. Assim, como era tarefa do historiado desconstruir mitos identitários, ele também deveria contra-atacar verdades invisivelmente instituídas.

Nos textos sobre historiografia paranaense, Cecília Westphalen traçou os temas, as aproximações teóricas e os métodos utilizados pelos autores elencados. Com seus critérios de classificação formulou quadros interpretativos para essa historiografia interligando-a a conjuntura política e social (mais política que social). Apesar de demarcar a historiografia entre tradicional e moderna, ela buscou não hierarquizá-la explicitamente pautando-se no argumento de que a história de seu tempo era vista de outro ponto. Deste modo, “se a historiografia tradicional foi, sobretudo, política, diplomática, militar, a pressão dos fenômenos econômicos e sociais, até mesmo a pressão demográfica dos nossos dias, colocam em evidência novas problemáticas” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:125).

Se de um lado, Westphalen faz da história da historiografia um meio para evidenciar a variedade das maneiras de se relacionar com o passado, de produzir história. De outro, ela

assenta a boa condução da história no Paraná, instrumentalizando a abordagem para erigir uma memória disciplinar.¹⁴

Façamos o confronto dessa exposição de Cecília Westphalen com o comentário que destilou ao *Roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira* de Alice Piffer Canabrava no “Encontro Nacional de Estudos Brasileiros, I Seminário de Estudos Brasileiros” promovido pelo Instituto de Estudos Brasileiros em 1971. Na ocasião, Westphalen afirmou que a historiografia brasileira pós-Capistrano de Abreu até meados da década de 1960 era caracterizada pelo “marasmo, [pel]a ausência de pesquisa e uma produção fragmentária” (WESTPHALEN, 1972:39). Colocando face a face as avaliações de 1971 e 1983/84, percebemos que há um recuo nesse julgamento. Como compreender tal revisão para a historiografia paranaense?

Um dos elementos que colocamos em discussão é a instituição da sua própria genealogia como historiadora. O fato de conferir destaque apenas a obra de Brasil Pinheiro Machado evidencia, de sua parte, que não haveria outros historiadores para serem lembrados a partir da fundação do curso de História e Geografia em 1938, mas isto não precisaria aparecer no texto já que denunciaria os problemas de sua formação, os quais ela talvez não tivesse interesse em discutir naquele momento.

Melhor seria inscrever no passado, mais evidentemente no *segundo* momento, grossos e recorrentes grifos em indícios de aproximações com as ciências sociais, com o tratamento de dados numéricos, estatísticos e censitários na abordagem do econômico e social. Assim, o conhecimento que se fez desde 1959 da história econômica e social praticada pelos *Annales* foi conjugado a esta tradição, espécie de proto-história econômica e demográfica com prática quantitativa. A construção de sua genealogia historiográfica também é capaz de explicar a escolha de Fueter como referência aos estudos de história da historiografia ao invés de apoiar-se em uma bibliografia mais atualizada, como a desenvolvida no campo historiográfico francês. Esta bibliografia francesa se constituiu colocando em perspectiva crítica o fazer história dos *Annales*, ou seja, questionando os postulados pelos quais Westphalen se formou como pesquisadora e formou uma legião de historiadores na UFPR.

¹⁴ Como apontou Manoel Luiz Salgado Guimarães “Nossa própria disciplina tem a sua história, fruto de embates e tensões, disputas por memória, uma memória disciplinar que uma vez instituída tende a canonizar autores e obras constituindo o panteon dos nossos clássicos” (GUIMARÃES, jan./jun. 2005:32).

IncurSIONando pelos “não-ditos”, observamos que nos textos publicados Westphalen suprimiu este final: “E, como ensinava Lucien Febvre, História é filha do seu tempo. Ai estão as 50 Dissertações e 13 teses filhas destes 25 anos” (WESTPHALEN, 1983:23). O cálculo dos 25 anos não coincide com o ano de instituição do curso de História e Geografia, mas sim com a partida da historiadora para seus cursos de especialização na Universidade de Colônia, Alemanha Ocidental, e na EPHE, em Paris, entre 1958/1959.

Neste gênero de balanço historiográfico criam-se argumentos para sustentar “a autoridade de determinados grupos, instituições e indivíduos na produção do conhecimento e na escrita da história” (GONTIJO, 2011: 279). Com a narrativa de Westphalen, a cientificidade da historiografia paranaense ganhava um lugar, o curso de História (já em processo de separação do curso de Geografia), e um agente, Cecília Westphalen a partir de sua experiência européia entre 1958/1959. Estabelece-se, então, um pacto de correspondência, de entrelaçamento da sua trajetória pessoal ao curso de História em sua guinada científica.

Westphalen forja a tradição da produção científica da história no Paraná e de forma sutil oferece seu nome como marco de referência. Nome que ficaria associado à instituição de um projeto para estudar o comércio exterior do Paraná através do Porto de Paranaguá “realizando o que Chaunu denominou de história serial, inclusive com o emprego de processamento eletrônicos dos dados e de técnicas da semiologia gráfica” (WESTPHALEN, abr./jun. 1984:123). Porém, este não foi seu primeiro interesse no campo da história. Em 1953, ano de comemoração dos cem anos de emancipação política de São Paulo, Westphalen estreou no mercado editorial com o livro *Pequena História do Paraná* e em 1958 publicou *Carlos-Quinto, 1500/1558: seu Império universal, sua tese para cátedra de História Moderna Contemporânea*. Grosso modo, as duas obras simbolizariam uma escrita factual, construída majoritariamente com material bibliográfico e com foco numa história política habitada pela ação de grandes lideranças, ou seja, representavam uma herança historiográfica pela qual Westphalen não trabalhou para ser lembrada.

É neste jogo entre dito e não-dito, perceptível por meio das escolhas textuais de Cecília Westphalen, que propusemos ler sua produção sobre o percurso da história no Paraná como um construto autobiográfico. De tal modo, adotando um modo de leitura diferente procuramos nos textos vestígios de autorrepresentação. Embora ela não tenha escrito um relato biográfico, nos moldes do que se identifica como “escrita de si” (LEJEUNE, 2008;

ARFUCH, 2010), nas narrativas analisadas (exercícios de construção objetivante de uma prática em um espaço regional, a escrita da história no Paraná), a autora ofereceu os contornos para o enquadramento da sua lembrança, ela indicou as linhas que comporiam seu obituário.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARAUJO, V. L. In: SILVA, D. B. da; ALVES, H. L.; ASSUNÇÃO, M. F. M. Entrevista com o Prof. Dr. Valdeci Lopes Araujo (UFOP). *Revista de Teoria da História*, Goiás, ano 6, n. 11, p. 309-323, mai. 2014.

BELOTO, D. L. *A criação da Província do Paraná: a emancipação conservadora*. 2003. Dissertação (Mestrado em Economia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2003.

BENATTE, A. P. A escrita da história em Antônio Vieira dos Santos (1850/51). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH- PR, XIII, 2012, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2012:799-810. Volume II.

BLANKE, H. W. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, J. (Org). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. 1. ed., 2ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009: 27-64.

CARBONELL, C.-O. Questions à la "Nouvelle Histoire". In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRIA (SBPH), IV, 1984, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: SBPH, 1985:297-299.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002:67-69.

FUETER, E. *Historia de la Historiografía Moderna*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1953. 1v.

GOMES, S. A. R. *Descentralização e pragmatismo: condições sociais de produção das memórias históricas de Antonio Vieira dos Santos (Morretes e Paranaguá, décadas de 1840-1850)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2012.

GONTIJO, R. José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição. In: NEVES, L. M. B. P. das. [et al.]. *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 277-290.

GUIMARÃES, M. L. S. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11. n. 1, p. 31-47, jan./jun. 2005.

GUIMARÃES, L. M. P. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: NEVES, L. M. B. P. das. [et al.]. *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011: 19-35.

IGLÉSIAS, F. Carta à Cecília Westphalen. Belo Horizonte, 1 set. 1995. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta à Cecília Westphalen. Belo Horizonte, 28 out. 1986. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. *Historiadores do Brasil*: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LINHARES, T. *Paraná vivo*: sua vida, sua gente, sua cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

MARCHETTE, T. D. *A trajetória de Brasil Pinheiro Machado e a construção da historiografia do Paraná no território acadêmico; 1928-1953*: do poema ao modelo historiográfico. 2013. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MARTINS, W. *Um Brasil diferente*: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: Ed. Anhembi Ltda, 1955.

MASTROGREGORI, M. Historiografia e tradição das lembranças. In: MALERBA, J. (Org). *A história escrita*: teoria e história da historiografia. 1. ed., 2ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009:65-93.

OGANAUSKAS, F. R. M. Memória e identidade regional paranaense: o contraponto historiográfico de um Paraná *sui generis*. In: TRINDADE, A. D.; COSTA, H.; ROIZ, D. da S. (Orgs.). *À margem do(s) cânone (s)*: pensamento social e interpretações do Brasil. Curitiba: Ed. UFPR, 2013:147-172.

RODRIGUES, H. E; NICOLAZZI, F. Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente. *História da historiografia*, Outro Preto, n. 10, p. 351-371, dez. 2012.

WESTPHALEN, C. M. [Sem título]. 1983. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná, caixa 17.

_____. *A Palavra do Sul*. Cem anos de Gilberto Freyre. CD: Curitiba-PR, 2000.

_____. Comentário. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS BRASILEIROS. I SEMINÁRIO DE ESTUDOS BRASILEIROS, 1., 1971, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Estudos Brasileiros, 1972:36-43.

_____. Fernand Braudel: teoria e ideologia. *Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 26, p. 28-39, 1985.

_____. Fernand Braudel: teoria e ideologia. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRIA (SBPH), 2, 1982, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPH, 1983:161-174;

_____. Historiografia paranaense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Brasília/Rio de Janeiro, n. 343, p. 105-126, abr./jun. 1984.

_____. Momentos da historiografia paranaense. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRIA (SBPH), IV, 1984, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: SBPH, 1985:59-61.

_____. Oitenta anos de Fernand Braudel. *Boletim Conselho Federal da Cultura*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 46, p. 133-135, jan./mar. 1982.